

REVISTA DE HISTÓRIA

# *Bilras*

HISTÓRIA(S), SOCIEDADE(S) E CULTURA(S)  
FORTALEZA, V. 9, N. 18, JANEIRO - JUNHO, 2021.

ISSN: 2357-8556



**Revista Eletrônica do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará**

**Fortaleza, v. 9, n. 18, jan. – jun., 2021.**

***ISSN: 2357-8556***

**Universidade Estadual do Ceará – UECE**

Reitor: Prof. Ms. Hidelbrando dos Santos Soares

Vice-Reitor: Prof. Dr. Dárcio Italo Alves Teixeira

**Centro de Humanidades – CH**

Diretor: Eduardo Nobre Braga

**Pró-Reitoria de Graduação – ProGRAD**

Pró-Reitora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Jose Camelo Maciel

**Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Ceará**

Coordenador: Prof. Dr. Antônio Germano Magalhães Junior

Vice-Coodenador: Prof. Dr. Allyson Bruno Viana

## **EDITOR CHEFE**

Prof. Dr. Francisco José Gomes Damasceno (UECE)

## **COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Reverson Nascimento Paula (UFSC)

## **CONSELHO EDITORIAL**

Alisson Cruz Soledade (UFSC)

Ariane Cordeiro Paixão (UECE)

Camila Mota Farias (UECE)

Francimagna Almeida Avelino (UFRN)

Maria Adaiza Lima Gomes (UFSC)

Thiago da Silva Nobre (UECE)

Vanessa Nascimento de Souza (ANPUH-CE)

## **CONSELHO CONSULTIVO**

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos (UFU)

Profa. Dr<sup>a</sup> Adriana Gracia Piscitelli (UNICAMP)

Prof. Dr. Alexandre Almeida Barbalho (UECE)

Profa. Dr<sup>a</sup> Ana Maria Marques (UFMT)

Prof. Dr. André Rocha Leite Haudenschild (UFU)

Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago de Freitas (UECE)

Prof. Dr. Bruno Leal Pastor Carvalho (UNB)

Prof<sup>ª</sup>. M<sup>a</sup>. Carla Oliveira Silvino (USP)

Profa. Dr<sup>a</sup> Diva do Couto Gontijo Muniz (UNB)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elis Regina Barbosa Angelo (UFRRJ)

Prof. Dr. Francisco Antônio Nunes Neto (UFSB)

Prof. Dr. Francisco Gerardo Cavalcante do Nascimento (UFU)

Prof. Dr. Gilmar Carvalho (UFC)

Prof. Dr. Gisafran Jucá (UECE)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isaíde Bandeira da Silva (FECLESC)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jorissa Danilla Nascimento Aguiar (UFCG)

Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)

Prof. Dr. Klaus Hilbert (PUC-RS)

Prof. Dr. Leandro Santos Bulhões de Jesus (UFC)

Prof. Dr. Manuel Loff (Universidade do Porto)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Dolores de Brito Mota (UFC)  
Prof. Ms. Michel Platini Fernandes da Silva (UFS)  
Prof. Dr. Moisés Antiquiera (UNIOESTE)  
Prof. Ms. Océlio Teixeira de Souza (URCA)  
Prof. Dr. Pedro Rogério (UFC)  
Prof. Dr. Radamés de Mesquita Rogério (UESPI)  
Prof. Ms. Ricardo César Gadelha de Oliveira Júnior (UFRGS)  
Prof. Dr. Rodrigo Medina Zagni (UNIFESP)  
Prof. Dr. Sander Cruz Castelo (FECLESC)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Simone Luci Pereira (USP)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Maria de Meneses Silva (URCA)  
Prof. Dr. Thiago Alves Nunes Rodrigues Tavares (INTA)  
Prof. Dr. Tito Barros Leal de Pontes Medeiros (INTA)  
Prof. Dr. William Mello (Indiana University)

### **PARECERISTAS AD HOC**

Profa. Ma. Luisa Dornelles Briggmann (UFSC)  
Profa. Dra. Nádia Maria Weber Santos (UFG)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Marciano de Assis (UFPE)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Zilda Maria Menezes Lima (UECE)

---

## **CONTATO PRINCIPAL**

Prof. Dr. Francisco José Gomes Damasceno

E-mail: [revistabilros@uece.br](mailto:revistabilros@uece.br)

## **SUPORTE TÉCNICO**

Reverson Nascimento de Paula

E-mail: [reverson\\_nascimento@hotmail.com](mailto:reverson_nascimento@hotmail.com)

---

## **EDITORAÇÃO**

Reverson Nascimento Paula

## **CAPA**

Reverson Nascimento Paula

# Sumário

**APRESENTAÇÃO (PRESENTATION).....06**  
Francisco Gerardo Cavalcante do Nascimento

## ARTIGOS (PAPERS)

**MÚSICA, POLÍTICA E BOEMIA EM FORTALEZA: A MPB FAZ SUA CENA (1980 – 1985) (MUSIC, POLITICS AND BOHEMIA IN FORTALEZA: MPB MAKES YOUR SCENE (1980 – 1985)).....20**  
Fábio F. Marques

**A ARTE ATRÁS DO PALCO: CAMINHOS DOMÉSTICOS DO CANTADOR JOÃO SIQUEIRA DE AMORIM E A MEMÓRIA DE DONA RAIMUNDA SIQUEIRA DE AMORIM (THE ART BEHIND THE STAGE: DOMESTIC PATHS OF THE SINGER JOÃO SIQUEIRA DE AMORIM AND THE MEMORY OF DONA RAIMUNDA SIQUEIRA DE AMORIM).....48**  
Marília Soares Cardoso

**“IMPRESSIONANTES ESCULTURAS DE LAMA”: O MANGUE E A CRIAÇÃO DE UM NOVO ESPAÇO-SÍMBOLO (“IMPRESSIVE MUD SCULPTURES:” THE MANGROVE AND THE CREATION OF A NEW SYMBOL-SPACE).....68**  
Esdras Carlos de Lima Oliveira

**REDUTOS DA CONQUISTA: CASAS FORTES E ARRAIAIS COMO ESTRATÉGIA DE COMBATE NA CAPITANIA DO SIARÁ GRANDE (SÉCULO XVIII) (STRATEGIES OF THE CONQUEST: FORTHOUSES AND ARRANIALS AS A COMBAT STRATEGY IN THE CAPITANY OF SIARÁ GRANDE (18th CENTURY)).....99**  
Rafael Ricarte da Silva

**ESPECIFICIDADES DA SOCIEDADE AÇUCAREIRA: CAMPINAS NO CONTEXTO DO QUADRILÁTERO PAULISTA (1836) (SPECIFICITIES OF THE SUGAR SOCIETY: CAMPINAS IN THE CONTEXT OF THE QUADRILÁTERO PAULISTA (1836)).....118**  
Carlos Eduardo Nicolette  
Felipe Rodrigues Alfonso

**PRESSUPOSTOS CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO NO CEARÁ: A COLEÇÃO ESCOLA APRENDENTE (CURRICULAR ASSUMPTIONS FOR HIGH SCHOOL IN CEARÁ: THE APRENDENTE SCHOOL COLLECTION).....138**  
Geovanio Carlos Bezerra Rodrigues

**ESCOLA SEM PARTIDO: O ATAQUE REACIONÁRIO CONTRA UMA  
EDUCAÇÃO LIBERTADORA** (*ESCOLA SEM PARTIDO: THE REACTIONARY ATTACK  
AGAINST A LIBERATING EDUCATION*).....166  
George Oliveira Mota

**A RELAÇÃO ENTRE ACADEMIA, LUTAS SOCIAIS E ATAQUES FASCISTAS  
A PROPÓSITO DE UMA DISCUSSÃO SOBRE A HISTORICIDADE DA  
PRÁTICA DISCURSIVA ACADÊMICA** (*LA RELACIÓN ENTRE ACADEMIA, LUCHAS  
SOCIALES Y ATAQUES FASCISTAS EN EL CONTEXTO DE UNA DISCUSIÓN SOBRE LA  
HISTORICIDAD DE LA PRÁCTICA DISCURSIVA ACADÉMICA*).....190  
Marcos Roberto dos Santos Amaral

# Apresentação

É chegada a hora da reeducação de alguém  
Do Pai do Filho do espírito Santo amém  
O certo é louco tomar eletrochoque  
O certo é saber que o certo é certo  
O macho, adulto, branco, sempre no comando  
E o resto ao resto, o sexo é o corte, o sexo  
Reconhecer o valor necessário do ato hipócrita  
Riscar os índios, nada esperar dos pretos  
E eu, menos estrangeiro no lugar que no momento  
Sigo mais sozinho caminhando contra o vento  
E entendo o centro do que estão dizendo  
Aquele cara e aquela.<sup>1</sup>

Para os olhares de Caetano Veloso na composição “O estrangeiro” e na obra “tristes trópicos<sup>2</sup>” de Lévi-Strauss, há um Brasil que infelizmente não está deslocado temporalmente da época de suas tessituras, sejam os anos de 1950 ou o Brasil pós ditadura militar, em outros termos, voltaram aqueles que nunca foram, agora mais articulados com o espaço virtual, engajados pela network do ódio e amparados pelo fundamentalismo que se fundamenta em bases fictícias.

Pela mesma verve poética na qual o saudoso Itamar Assunção compôs: “o trópico tropical, emaranhado no trambique, a treta frutifica<sup>3</sup>”; estes frutos podres não caem facilmente e assim balançamos, ora por fraqueza, e principalmente, ora por força e coragem, ou mesmo por teimosia como alguns ou algumas queiram classificar.

Propomos uma ode às palavras e expressões que dão sentido ao título da revista Bilros e o que ela representa desde a sua primeira edição; ou seja, uma trama, um tecido forte, uma composição de fibras que aqui não equivalem apenas a um pequeno ponto de renda, como os mais famosos: palma, coração, aranha, meus olhos, quadro, margarida, zigue zague ou tantos outros espalhados pelo país.

Nosso ponto da renda de bilro é composto pelas mãos que aperreiam nesse terral<sup>4</sup>, aquelas que não cessaram os trabalhos na pandemia, as mesmas que seguram o pires nas agências de fomento, unem-se entrelaçadas umas às outras, demonstram que a fortaleza vem justamente da diversidade, do companheirismo, e, principalmente, aquelas que produzem

---

<sup>1</sup> “O estrangeiro” (Caetano Veloso), Caetano Veloso. LP/CD **Estrangeiro**. Polygram/Philips, 1989.

<sup>2</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>3</sup> “Tristes Trópicos” (Itamar Assunção). Itamar Assunção e as Orquídeas do Brasil. LP/CD **Bicho de 7 Cabeças vol. II**. Baratos Afins, 1993.

<sup>4</sup> “Terral” (Ednardo), Ednardo e o Pessoal do Ceará. LP **Ednardo e o Pessoal do Ceará**, Phonodisc Mid. 1972.

conhecimento com a seriedade da academia e a leveza de um *ethos* que ultrapassa as fronteiras do academicismo.

Após este pequeno preâmbulo, apresentamos nesta edição de número 18 um total de 8 artigos de alguns colaboradores às quais suas temáticas amplas transitam de maneira criativa e ao mesmo tempo instigante sobre assuntos que estão propostos basicamente em quatro grandes eixos, a saber, música, cultura popular, política, ensino de História, História do Brasil colonial e pós-colonial.

No artigo “Música, política e boemia em Fortaleza: a MPB faz sua cena (1980-1985)”, **Fábio Freitas Marques** propõe uma análise daquilo que poderíamos denominar com “permanências”, ou seja, o autor nos oferece um olhar sobre sete artistas cearenses do início da década de 1980 os quais na contramão do óbvio como poderemos perceber adiante, não executaram o êxodo artístico que permeou a carreira de cantores e compositores do Nordeste do Brasil para o eixo Rio São Paulo, principalmente pelas oportunidades com gravadoras e os grandes meios de comunicação da época em especial os canais de televisão.

Marques defende a ideia que no início da década de 1980 uma série de fatores contribuíram para a consolidação de uma cena musical ligada à MPB em Fortaleza e conectados a um circuito de música independente de outras cidades, e por este caminho, são apresentados compositores e intérpretes cearenses conhecidos como “o pessoal do Ceará” que incluía nomes como Ednardo, Fagner, Belchior, Rodger Rogério, dentre outros artistas, os quais o autor os classificou como exemplos de uma década anterior que alcançou projeção nacional e serviu como exemplo.

Não menos importante, o autor destaca a relevância do Massafeira como um festival e disco coletivo entre os anos de 1979 e 1980 elegendo-o como a síntese dessa efervescência.

Posto isso, o autor define como seu recorte temporal os anos de 1980 a 1985 intitulado-o de “pós-Massafeira”, do mesmo modo direciona suas análises para sete estudantes nomeados como “cantautores”<sup>5</sup> e suas trajetórias artísticas, as quais estabelecidas como o fio condutor do presente estudo.

Para sustentar seus argumentos, Marques nos oferece uma exposição cronológica sobre o contexto musical e as práticas urbanas na cidade de Fortaleza desde o início do século

---

<sup>5</sup> Os sete artistas são Amaro Penna, Calé Alencar, Dilson Pinheiro, Eugênio Leandro, Jabuti Fonteles, Parahyba e Pingo de Fortaleza. Para maiores detalhes sobre a expressão “cantautores” ou detalhes acerca dos referidos artistas, sugerimos o trabalho na íntegra: *In*: MARQUES, Fábio Freitas. **A MPB faz sua cena**: música, boémia e política em Fortaleza nos últimos anos da ditadura militar (1980-1985). Dissertação (Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura) – Universidade do Minho, Braga, 2018.

XIX, a partir das modinhas e a canção independente, passando pela primeira metade da década de 1930 com a criação da Ceará Rádio Clube em 1934, e a fundação da Universidade do Ceará (futura Universidade Federal do Ceará), depois os Institutos Federais e as faculdades particulares que favoreceram há uma ascensão universitária na capital alencarina, pois o autor acredita na existência de uma correlação benéfica entre a universidade e mercado musical, ou seja:

A redescoberta das universidades como estratégia de enfrentamento da crise no início dos anos 1970 passa por uma busca por parte das gravadoras de maior proximidade com o público universitário. As universidades são escolhidas como espaço privilegiado para venda de discos e promoção de shows a baixo custo. E se o grande mercado de MPB recorreu às universidades, também o fizeram jovens artistas, compositores e intérpretes, que estavam à margem deste.

Ainda em meados da década de 1970 havia um abismo profundo segundo o autor entre o mercado fonográfico do eixo Rio-São Paulo e o mercado da música local, mesmo com as carreiras de Ednardo, Belchior e Fagner tendo alcançado sucesso com as músicas: o romance do Pavão Misterioso pela RCA em 1974, Alucinação em 1976 pela Polygram, e Ave Noturna em 1975, respectivamente.

O início da mudança de cenário segundo Marques foi o lançamento da mostra Massafeira, e a reboque uma intensa produção de músicos locais e gravação de discos independentes produzidos pelos próprios artistas.

Além da produção musical havia uma articulação considerável dos artistas em atos políticos durante a primeira metade da década de 1980, fosse a ação do Primeiro de Maio, greve dos estudantes, a campanha pelas “Diretas já”, ou mesmo a eleição de Maria Luiza Fontenele como prefeita da capital cearense pelo PT em 1985.

Valendo-se de um termo bem atual, diríamos que para não oferecermos *spoilers*, a leitura do artigo de Fábio Marques pode ser considerada como uma visita às memórias afetivas daqueles que participaram direta ou indiretamente dos festivais, shows, ou passeatas, bem como um passeio por áreas de estudo em que pelo nosso bem e das pesquisas não possuem fronteiras claras, seja na História, Sociologia, Etnomusicologia Antropologia Musical ou qualquer outra seara possível de pesquisas.

Em seu artigo intitulado: “A arte atrás do palco: caminhos domésticos do cantador Siqueira de Amorim e a memória de dona Raimunda Siqueira de Amorim”, **Marília Soares Cardoso** nos propõe um olhar afetivo e por que não dizer íntimo do poeta e cantador Siqueira de Amorim, a partir dos depoimentos colhidos pessoalmente pela autora junto à esposa e companheira por mais de meio século, a senhora Raimunda Siqueira de Amorim.

A partir de uma pesquisa extensa e bem lastreada por entrevistas e periódicos como a “Gazeta de Notícias”, “Tribuna do Ceará”, e “O Unitário”; Cardoso nos propõe olhares sobre o dito popular, ou cultura popular, e o trato metodológico com as fontes orais.

A grande contribuição de Cardoso para o debate acerca do universo da cantoria pelos poetas, cantadores, apologistas, público e locais de apresentação reside na intimidade não exposta, mas refletida pelo depoimento da senhora Raimunda Amorim, ou melhor, como a própria autora demonstrou:

A entrevista, porém, ultrapassou o objetivo inicial de ser apenas uma fonte de relevância secundária. Percebemos a partir da fala de D. Raimunda uma relação muito forte entre Siqueira de Amorim artista e trabalhador com o Siqueira de Amorim esposo, ambicioso, e audacioso em seus projetos familiares. Siqueira desejava uma arte plena, organizada, festiva e que extrapolasse o Nordeste, muito diferente da falta de rotina e de estabilidade em que sua vida pessoal foi expressa de forma mais profunda através dos relatos de sua viúva, dona Raimunda.

Cardoso preocupa-se em deixar claro que seu artigo não se trata de uma simples leitura biográfica dentro dos parâmetros reconhecidamente historiográficos, assim dizendo, ela nos propõe a “compreensão de uma trajetória de vida singular do ponto de vista da originalidade de suas experiências e pioneirismo no emaranhado cultural da época”.

A memória evocada pela Senhora Raimunda Siqueira de Amorim nos proporciona juntamente com a narrativa elaborada por Cardoso, um olhar acurado da intimidade do poeta Siqueira de Amorim, não invasivo, mais refletido, pela fala da companheira de uma vida inteira, algo além do homem público, isto é, o homem pai, marido o sujeito atrás do palco.

Através da republicação de artigos de notada relevância para o debate acadêmico acerca da História Cultural e suas novas perspectivas de pesquisa acadêmica, a revista Bilros retoma a proficiente relação com a revista Artcultura da Universidade Federal de Uberlândia desde a publicação do número 16 do ano de 2020.

Posto isso, neste presente número, apresentamos o artigo intitulado: “Impressionantes esculturas de lama: o mangue e a criação de um novo espaço-símbolo” no qual as temáticas da música, representação e apropriação poética dos mangues do Recife foram segundo **Esdras Carlos de Lima Oliveira**, positivados, não de uma maneira eivada de eufemismos, mas dialogada “com diferentes vertentes do mundo das artes”.

Há um interesse de Oliveira em compreender as representações artísticas que tomaram os mangues recifenses como temática, mesmo apoiando-se na área musical em referência ao Manguebeat dos anos de 1990, o autor toma a liberdade de trafegar por temporalidades e campos artísticos diversos, ou em suas palavras “tecendo imagens de um Recife e de um nordeste em que explodem suas contradições”.

Nesse percurso, proposto por Oliveira, os mangues da cidade estuário foram apreendidos por pintores, intelectuais, acadêmicos, escritores e compositores sob diversos ângulos, seja pelo “cão sem plumas” de João Cabral de Melo Neto na qual o poeta descreve a miséria associada ao sertão e ao Rio Capibaribe, ou mesmo pelo célebre Josué de Castro, em uma de suas obras mais conhecidas “homens e caranguejos”, musa literária inspiradora de Chico Science & Nação Zumbi.

Os mangues do Recife presentes nas obras de Josué de Castro, ricos em biodiversidade e pujança, são atualmente vagas lembranças, ou melhor, pequenas faixas flumens impregnadas de lixo, miséria, fome, concreto e asfalto, resumidamente, lampejos de um rico bioma que antes prevalecia pela cidade.

Nada que os poetas do Manguebeat, Chico Science, Fred 04, Otto, Jorge dü Peixe, dentre outros, não pudessem estabelecer um diálogo entre o mangue símbolo de fertilidade e diversidade, e um mangue identificado como a simbiose entre a fedentina e o caos urbano.

Oliveira estende sua análise para além das fronteiras do Recife, em especial para o Nordeste, e como marco teórico elege o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior para estabelecer uma discussão acerca das formas as quais a imagem do Nordeste foi construída durante as décadas, seja como “o espaço de saudade” através das composições de Luiz Gonzaga; ou mesmo da bandeira da “defesa” da cultura popular por meio do Movimento Armorial da década de 1970, liderado pelo multiartista Ariano Suassuna e seu empenho particular em mapear as raízes da cultura popular nordestina.

A “Manguetown” transformada em uma poesia urbana/rural, fusão do rap e do repente, com versos rápidos, certos, ácidos e atuais, se constituiu como mote para os poetas do mangue que nos apresentaram uma capital distópica para sua juventude em termos culturais, esclerosada pelas velhas e sujas práticas políticas, depauperada pela poluição, embrutecida pela violência mencionada no *release* “caranguejos com cérebro”; também foi representada de maneira imagética através da indumentária dos seus artífices, em outras palavras, a cultura secular dos maracatus, as feiras populares, o sol escaldante do nordeste brasileiro, a tecnologia dos bits que despontavam no fim do século XX e o contemporâneo representado pelo *hip hop*, vestiam os corpos e as ideias desses jovens nordestinos suburbanos.

Por fim, Oliveira nos apresenta um Manguebeat que extrapolou as fronteiras recifenses e a música como sua grande representação artística, em outros termos, foi além da sua capacidade de inspirar a cena local, ou como o próprio autor pontuou: “uma série de

espaços de sociabilidade e todo um imaginário foram elaborados a partir dele”, da mesma forma que as políticas culturais implementadas durante os anos de 2000 a 2012 sofreram grande influência do movimento musical, ao ponto do falecido cantor e compositor Chico Science e o Manguebeat se tornarem símbolos do Recife no século XXI.

Em “Redutos da Conquista: casas fortes e arraiais como estratégia de combate na Capitania do Siará Grande (século XVIII)<sup>6</sup>”, **Rafael Ricarte da Silva** nos propõe uma análise de como ocorreu a ocupação do território que futuramente viria a se constituir o estado do Ceará.

Tratando-se de um período colonial não apenas no nordeste brasileiro mas em todo o Brasil, grande centro irradiador de debates são as pesquisas sobre o estado de Pernambuco, entretanto o artigo em questão aponta a ações dos Fortes como ação do território da Capitania do Ceará, trazendo assim para o centro dos debates a ocupação e posterior colonização, definida por muitos historiadores como a colonização tardia, comparando principalmente com a Capitania de Pernambuco que logo após a implementação do sistema de capitanias hereditárias em 1534 teve suas atividades iniciadas.

esta política de interiorização para as capitanias localizadas na região nordeste do Brasil não foi uma exclusividade, ou seja:

A associação entre fortes, arraiais, aldeamentos e currais no processo de conquista dos sertões das capitanias do Norte foi uma política constante da Coroa portuguesa por meio de seus agentes coloniais no decorrer da segunda metade do século XVII e primeira do XVIII.

A narrativa do autor expõe um fato interessante sobre o próprio significado da palavra Arraial processo de colonização da América portuguesa, pois na Capitania do Ceará grande o Arraiá possui a menções nas cartas representando não apenas um alojamento para os exércitos da coroa portuguesa durante a campanha, mas serviram também como os conquistadores contra os indígenas que habitavam as regiões dos Currais.

Apoiada é uma farta documentação o autor nos oferece uma tabela com dados fundamentais acerca das menções às casas fortes e arraiais e em concessões de Sesmarias entre 1679 e 1736, nas quais há referências acerca do número de sesmarias, a data e local da concessão, os requerentes e suas justificativas apresentadas para a ocupação da Terra, suas respectivas patentes e algumas observações acerca do território em questão.

---

<sup>6</sup> O presente artigo é oriundo da tese de doutoramento do autor, posto isso, sugerimos a leitura do trabalho na íntegra. In: SILVA, Rafael Ricarte da. **Capitania do Siará Grande nas dinâmicas do império português: política sesmarial, guerra justa e formação de uma elite conquistadora (1679-1720)**. Tese (Doutorado em História Social) – UFC, Fortaleza, 2016.

Nesse sentido poderemos observar na leitura do artigo que a criação de gado foi fundamental na colonização e consequente interiorização da Capitania do Siará Grande, não obstante a grande maioria dessas terras solicitadas estarem dispostas no espaço da Ribeira do Rio Jaguaribe.

Por fim o autor defende a ideia de que essas concessões das Sesmarias na Ribeira do Jaguaribe constituíram-se como um fator importante na concentração de terras por um número pequeno de famílias, conseqüentemente, na formação de uma elite que além das terras acumuladas, aglutinou patentes militares, cargos administrativos, títulos distintivos, e não menos importante, o domínio das relações econômicas dentro e até mesmo fora da Capitania.

Os autores **Carlos Nicolette e Felipe Alfonso** partir da expressão “Quadrilátero do Açúcar<sup>7</sup>” formulada pelo historiador Alfredo Elis Júnior na obra “O bandeirismo paulistano e o recuo do meridiano” publicada em 1934, nos propõem no caso singular na política econômica açucareira do Brasil na primeira metade do século 19, especificamente A Fila de Campinas, comparando a com outras vilas do mesmo período e região em questão.

Os autores definem como principal argumento para esta mudança de Panorama, a lista nomina tória de habitantes da Vila de Campinas, e conseqüentemente, caracterizá-la como um caso *sui generis*, possuidora de particularidades não observadas em outros redutos produtores de açúcar.

Na busca por essa excepcionalidade, os autores identificaram segundo ele lacuna historiográfica e como fonte base para O Presente trabalho utilizaram quadro estatístico de 1836 produzido na época por Daniel Pedro Muller, um homem ligado às forças armadas, formado em engenharia, e um dos precursores da estatística no Brasil.

Para o estudo que constitui o artigo foram realizadas investigações acerca dos fatores locais e globais que se estabeleceram com “pontos-chave” de inflexão na história da região, ou melhor:

- (i) no último quartel do setecentos, em que o esgotamento das minas de ouro e as revoluções atlânticas levaram o Império português a promover uma nova política de incentivos à agricultura colonial, iniciando, em São Paulo, a montagem de uma incipiente infraestrutura econômica;

---

<sup>7</sup> ELIS JÚNIOR, Alfredo. **O bandeirismo paulistano e o recuo do meridiano**. São Paulo: Typographia Piratininga, 1924.

- (ii) (ii) na década de 1790, em que a Revolução de Saint-Domingue provocou uma ampla reconfiguração do mercado internacional de artigos tropicais, permitindo o desenvolvimento da capacidade ociosa do parque produtivo paulista;
- (iii) (iii) na década de 1830, em que a proibição do tráfico transatlântico de escravos no Brasil encareceu a aquisição de africanos, obrigando os senhores de engenho a repensarem suas estratégias de investimento e de manejo da mão de obra;
- (iv) (iv) entre as décadas de 1830-40, em que o domínio de Cuba sobre o fornecimento internacional de açúcar afetou o parque produtivo açucareiro de São Paulo, fazendo com que os distritos do Quadrilátero passassem ou a abastecer de açúcar cada vez mais o mercado paulista ou – como no caso de Campinas – a combinar as culturas do açúcar e do café, vislumbrando neste último gênero uma possibilidade de se manter presente no mercado internacional de artigos tropicais;
- (v) (v) na década de 1850, em que a Lei Eusébio de Queiroz foi assinada, estimulando um movimento migratório de escravos do Nordeste em direção ao Centro-Sul e, em última instância, contribuindo para o estabelecimento gradual da mão de obra livre na produção agrícola.

A partir destes apontamentos dos autores, foi escolhida a década de 1830 como portadora destas idiossincrasias na Vila de Campinas, mais precisamente em quatro principais aspectos novamente apontados pelos autores, a saber, o perfil demográfico da população escrava, a combinação entre as culturas do açúcar e do café, a combinação entre culturas de exportação e alimentos, e a concentração fundiária; elementos estes que alavancaram o parque produtivo açucareiro na Vila de Campinas, principalmente o último aspecto, pois segundo os autores foi “o fator que amarrou todas as especificidades apontadas neste trabalho”.

Não é de hoje que o ensino de História vem se consolidando como uma das grandes áreas temáticas de pesquisa e produção intelectual dos historiadores (as) brasileiros (as) na contemporaneidade, pois há uma série de possibilidades para a pesquisa acadêmica neste campo que foram, estão, ou serão exploradas futuramente.

Nessa perspectiva de múltiplos olhares, **Geovanio Rodrigues** nos proporciona uma análise interessante de um documento traduzido pelo Poder Público do Ceará em 2009,

considerado pelas autoridades educacionais e pelo próprio autor como um documento norteador para o currículo do ensino médio no estado do Ceará.

No artigo de Rodrigues há um debate instigante sobre a “Coleção Escola Aprendiz”, a partir de um considerável corpo documental composto por documentos oficiais, e entrevistas com professores (as) das disciplinas de História da rede estadual de ensino na cidade de Fortaleza.

Como argumentação inicial o autor dispõe de dados como o IDH de 1991, 2000, 2010 e 2014 que servem como parâmetros junto às políticas educacionais da Seduc Ceará, e em se tratando de números específicos por exemplo, no ano de 2014 o IDH do estado do Ceará registrou um aumento considerável de 33,6% se comparado com médias anteriores, ou mesmo equiparando-se com os dados nacionais que foram em torno de 47,8%.

Os dados obtidos através da ONU, do Plano Nacional de Educação PNE, e UNESCO, dentre outras instituições, constituem-se como importantes marcos referenciais nas políticas idealizadas e implementadas pela Seduc Ceará, em especial na organização curricular para o ensino médio e as referências teóricas para a composição dos documentos norteadores.

Rodrigues no decorrer de seu artigo expõe e contextualiza documentos fundamentais da educação básica brasileira, como exemplos os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio PCNEM, e a própria Coleção Escola Aprendiz que é estabelecida como fio condutor do presente artigo e se configura para o autor como os parâmetros curriculares estaduais.

Sendo mais específico, Rodrigues destaca a importância do PCNEM desde o final da década de 1990, não obstante, a materialização das intenções do Governo Federal com o documento, e as conseqüentes produções acadêmicas em torno dos PCNEM’S; nesse sentido o autor explana a quantidade considerável de pesquisas a partir da década de 2010, devido ao fato da nota nacional do ensino médio ENEM ser considerada como instrumento de ingresso no ensino superior do país em instituições públicas e privadas.

Com relação à Coleção Escola Aprendiz, Rodrigues entende que o documento passou a pautar as orientações curriculares, conteúdos e métodos de abordagem no Ensino Médio da Seduc Ceará, ou objetivamente em suas palavras: “são os parâmetros curriculares

estaduais, ou a forma como a Secretaria de Educação do Estado do Ceará passou a pautar o ensino médio em sua rede de ensino<sup>8</sup>”.

Ainda sobre a coleção escola aprendente, Rodrigues detalha algumas etapas que a constituíram desde a elaboração até sua implementação, a saber, em um primeiro momento, o processo de construção a partir dos parâmetros estipulados pelo Plano Nacional de Educação PNE.

Outra etapa do processo foram os encontros de elaborações e coletividades, os quais envolveram diversos sujeitos, dentre eles, técnicos, professores da educação básica e do ensino superior, em uma espécie de construção cooperativa, pois segundo Rodrigues esta cooperação ficou mais evidente quando foram inseridos conteúdos e recursos que permitiram aos docentes trabalharem com temáticas indígenas e afro-brasileiras.

Na terceira etapa foi analisada por Rodrigues a vivência dos professores da disciplina de História acerca do currículo proposto pela Escola Aprendente, e o que foi verificado a partir dos depoimentos dos docentes foi o descompasso entre a prática da docência e a teoria contida no documento.

De maneira mais esmiuçada foi observado pelo autor através dos depoimentos colhidos para a pesquisa de sua dissertação, uma maior utilização e referência dos docentes aos Planos Curriculares Nacionais e uma subutilização da Escola Aprendente, muito pela interdisciplinaridade a partir de temas centrais, ou mesmo pela prática de cada docente que é antes de tudo individualizada.

Por fim Rodrigues define que “a relação entre a fala dos técnicos e dos professores demonstrou que a percepção curricular é sentida por muitos olhares e perspectivas”, assim, diante desta constatação o autor defende um processo contínuo de reformulação curricular.

**George Mota** nos oferece um tema deveras atual no contexto educacional e por que não dizer, político do Brasil, mais especificamente o “Movimento Escola sem Partido” e suas implicações nas ações entre docentes discentes, pais, ou melhor, toda a comunidade escolar<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup>Para maiores detalhes sobre a coleção Escola Aprendente, sugerimos a leitura na íntegra da dissertação de mestrado do autor. In: RODRIGUES, Geovanio Carlos. **Ensino e Pesquisa**: relações entre a disciplina de história, coleção Escola Aprendente e o Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais - NTPPS em Fortaleza, CE. Dissertação (Mestrado em Educação) – UECE, Fortaleza, 2016.

<sup>9</sup> O presente artigo é oriundo da monografia de conclusão de curso do autor, posto isso, sugerimos a leitura do trabalho na íntegra. In: MOTA, George Oliveira. **Escola sem Partido**: ação conservadora sobre conteúdos pedagógicos brasileiros (2004 – 2020). Monografia (Graduação em História) – UECE, Fortaleza, 2021.

Este avanço das forças conservadoras em toda a América Latina e em outros continentes, não foi diferente aqui no Brasil, como representantes deste retrocesso na seara educacional, o Movimento escola sem partido assolou nosso país desde 2004 e teve seu auge na eleição do atual ocupante da cadeira de presidente do Brasil, e encerrou oficialmente suas atividades em 2020 pelo próprio fundador o advogado Miguel Nagib.

Na esteira deste conservadorismo que se instalou no Brasil nos últimos anos, Mota nos indica que o referido movimento evoluiria para a elaboração do “Programa Escola sem Partido”, na busca por sua institucionalização através de projetos de lei”, Nos quais suas pautas tratavam os professores como um “ exército de militantes travestidos de professores”, esta prática nefasta acarretou em um levante inquisitório nas salas de aula por todo Brasil, incentivando o clima policialesco nas instituições de ensino.

A partir de dois casos de perseguições aos docentes na cidade de Fortaleza, Mota exemplifica por meio de casos concretos o panorama conservador, e o acossamento às práticas docentes baseadas em um contexto educacional democrático.

Com o avanço das propostas do “Escola sem Partido” ocorreram tentativas de legitimidade do anteprojeto dos conservadores, além de ataques a algumas conquistas dentro das políticas educacionais brasileiras, como por exemplo a lei 10639/2003<sup>10</sup> que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e a inclusão curricular obrigatória das temáticas da história e cultura afro-brasileiras.

Mota explana que os inimigos do movimento escola sem partido não eram apenas os professores atacados através da deturpação dos conceitos do educador Paulo Freire, ocorria também ataques aos conteúdos das aulas ministradas e aos avanços das políticas públicas educacionais dos últimos anos.

Nesta referida busca por legitimidade apontada pelo autor, alguns projetos de lei mais significativos estão mencionados, como exemplos o primeiro artigo do PL 867/2015 que buscava incluir nas diretrizes e bases da educação brasileira o programa escola sem partido, e o segundo artigo do mesmo PL no qual procurava alterar diretamente o terceiro artigo da Lei de Diretrizes e Bases da educação Brasileira (Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996-LDB).

Mota finaliza seu artigo expondo as feridas e marcas negativas deixadas na educação Brasileira, mesmo após as atividades no movimento escola sem partido terem suas atividades encerradas no ano de 2020 através de um pronunciamento do seu fundador, bem

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10639-9-janeiro-2003-493157-normapl.html>>. Acesso em: 10 dez. 2020

como as incongruências do referido movimento desde a sua fundação, no qual se autointitulava apartidário, entretanto na prática, trabalhou de maneira exaustiva na eleição do atual chefe do executivo nacional, seja através da propagação das *fake news*, e principalmente servindo como um elo fundamental entre o eleitorado conservador do Brasil e a campanha presidencial do até então deputado federal Jair Messias Bolsonaro no ano de 2018.

**Marcos Amaral** nos proporciona em seu artigo intitulado “A relação entre academia, lutas sociais e ataques fascistas a propósito de uma discussão sobre a historicidade da prática discursiva acadêmica<sup>11</sup>”; perspectivas provocativas do papel da academia frente às demandas da sociedade contemporânea, seja pela compreensão da necessidade urgente das lutas sociais, ou pelos ataques fascistas sofridos pelo universo acadêmico que nunca acessaram, porém nos últimos anos foram intensificados de maneira exponencial.

Toda esta discussão proposta pelo autor lastreada por meio de uma historicidade das práticas discursivas da academia que a constituíram desde tempos imemoriais, servem agora como marco analítico nesta espécie de introspecção academicista, principalmente, quando Amaral define como “revisão de condutas conservadoras que impregnam as esferas acadêmicas”.

Há nesse artigo também a preocupação do autor em desconstruir a deslegitimação da academia devido aos ataques fascistas, e principalmente quando esta mesma academia trabalha e produz a partir de princípios éticos.

Amaral percorre várias esferas e estratos sociais da sociedade contemporânea com um olhar eivado de perplexidade e ao mesmo tempo inquieto no tocante aos paradoxos que habitam e se multiplicam nesse mundo atual, seja pela fogueira das vaidades em que as chamas eternas são alimentadas incessantemente pelas redes sociais, ou pela própria noção de pertencimento dilacerada por escolhas em que o global e o local se confundem diante de uma moralidade/imoral versada na peremptória deidade mercantil.

Na seara acadêmica há um entendimento do autor de que academia produz um discurso por e para seus pares em certa medida, todavia não desmerecendo a prática da escrita do referido meio, mas defende a existência de uma relação de conhecimento que se referênciava, se alimenta, conduz e é conduzida por um círculo, ou nas palavras de Amaral:

---

<sup>11</sup> O presente artigo é oriundo da tese de doutoramento do presente autor, sugerimos a leitura na íntegra da pesquisa. In: AMARAL, Marcos Roberto dos Santos. **O Carnaval e a vida por contrabando selvagem**: a propósito da prática discursiva em Deleuze e Guattari sobre o corpo sem órgãos (CsO). Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – UECE, Fortaleza, 2021.

Essa prática acadêmica, a qual acreditamos, podemos “qualificar” como burguesa, torna-se uma prática que significa apenas no que ela reforça o que fora consagrado na fala de uma referência na área, ou seja, uma prática personalista, como se fosse um consumidor de algum produto de marca famosa (é preciso, responsável/prudentemente, deixar claro que tal crítica se dá em função da necessidade de vigilância contra práticas conservadoras que podem atacar as diversas ações no mundo, dentre as quais, as da ciência. Nesse sentido, não se está validando a negação fascista da ciência. Está-se apontando que se pode ampliar as potências positivas da ciência em se abrindo o “stock identitário” a vozes e corpos marginalizados).

Nessa perspectiva de desconstrução o autor propõe uma problematização dos modos de fazer ciência, além de uma atuação em conjunto dos grupos marginalizados na tentativa de criar novas sensações, sociabilidades ao lado de conhecimentos.

Na sua percepção o autor acredita que “Há uma relação pensa entre o mundo acadêmico e mundo não acadêmico”, diante desta afirmação ele desenvolve uma série de questionamentos pertinentes acerca desta Contenda, ou seja, para quem essa produção acadêmica se destina? Seus pares uma comunidade geral? ou mesmo, como estas práticas discursivas dialogam com os marginalizados da história?

A teia do absurdo urdida por grupos fascistas, neonazistas, conservadores religiosos, ou qualquer outra aberração democrática, valem-se dessa aproximação da academia com os grupos marginalizados, não apenas em ações isoladas, mas na produção acadêmica considerada séria, alicerçada em pesquisas duradouras, tudo isto para atacar intimidar muitos professores, ademais Amaral cita pontualmente o caso de constrangimento público através da procuradoria do estado do Ceará com professores universitários.

Por fim, Amaral retorna às práticas discursivas acadêmicas, e propõe uma imersão autêntica nas esferas de conhecimentos, familiarizando os sujeitos aos modos, locais, condutas, etc. de produção, leitura, debate e práticas”; resumidamente falando o autor compreende que não há a necessidade de se promover uma balança do que pode ser inteligível ao público não acadêmico, ou uma produção acadêmica não densa; na realidade é a promoção de uma circularidade comunitária (academia/público não acadêmico), e principalmente, a desconstrução histórica enclausurada em suas posições historicamente soberbas.

Esperamos que os artigos aqui panoramicamente apresentados possam de alguma forma contribuir com as pesquisas acadêmicas em andamento, ou mesma aquelas que estão iniciando pelo país, mesmo com todos os obstáculos, sabotagens ou qualquer outra situação que impeça o labor acadêmico, nós que compomos a Bilros, os nobres colegas que aqui

cooperaram com seus artigos, e principalmente, nossos leitores (as), acreditamos que “o mundo respira por um triz, ainda bem<sup>12</sup>”!

**Boa leitura!**

**Francisco Gerardo Cavalcante do Nascimento**

---

<sup>12</sup> Fazemos alusão à composição “respirando” contida no sexto álbum de estúdio da Nação Zumbi. *In*: “Respirando” (Gilmar Bola Oito/ Jorge du Peixe) Nação Zumbi. CD **Futura**. Trama, 2005.